

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALAN ARKIN, O COMEDIANTE ASSUSTADO
11 e 25 de setembro de 2023

LITTLE MURDERS / 1971

Um filme de Alan Arkin

Realização: Alan Arkin / *Argumento:* Jules Feiffer, baseado numa peça homónima da sua autoria, tal como produzida para a Broadway por Alexander Cohen / *Direção de Fotografia:* Gordon Willis / *Montagem:* Howard Kuperman / *Produção:* Jack Brodsky e Elliott Gould / *Produção Associada:* Burt Harris / *Assistência à Realização:* Peter Scoppa / *Som:* Chris Newman / *Música:* Fred Jaz / *Design de Produção:* Gene Rudolf / *Direção Artística:* Stanley Cappelletto / *Casting:* Vic Ramos / *Guarda-roupa:* Albert Wolsky / *Interpretações:* Elliott Gould (Alfred Chamberlain), Marcia Rodd (Patsy Newquist), Vincent Gardenia (Carol Newquist), Elizabeth Wilson (Marge Newquist), Jon Korkes (Kenny Newquist), John Randolph (Mr. Chamberlain), Doris Roberts (Mrs. Chamberlain), Lou Jacobi (Juiz Stern), Donald Sutherland (Reverendo Dupas), Alan Arkin (Tenente Practice) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em inglês com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 108 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de fevereiro de 1971, Estados Unidos / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Jules Feiffer, um cartoonista de grande sucesso e reconhecimento crítico, escreveu a peça *Little Murders* depois de sentir que o sonho americano havia perecido com o Presidente e o seu (suposto) homicida: John F. Kennedy e Lee Harvey Oswald, ambos assassinados no ano quente de 1963. Conta, em entrevista concedida para a edição em Blu-ray de **Little Murders**, da editora Indicator, que queria partilhar com o mundo aquilo que sentia, mas não sabia ao certo que meio utilizar para dar forma a esta sua, subitamente muito enegrecida e pessimista, visão sobre o estado da nação. Depois de várias tentativas, sendo que uma delas passou pelo principiar da redação de um romance, decidiu-se pela escrita dramaturgica. Era preciso “gestualizar” e “objetificar” da maneira mais visual e gráfica possível aquilo que lhe ia no espírito. *Little Murders*, a peça, teve várias vidas, mas acabou por singrar de maneira incontornável sob a direção de Alan Arkin, já um valor seguro do teatro de improviso (da escola de Mike Nichols e Elaine May) e, em breve, talvez só superado por Woody Allen, um dos mais geniais intérpretes da comédia furiosa e neurótica tipicamente nova-iorquina e judia (veja-se o pequeno papel que aqui interpreta, enquanto Tenente Practice, o homem perturbado a investigar uma série de crimes que aparentam não ter solução). **Little Murders** não resulta apenas de uma escrita extraída diretamente ao seu tempo, porquanto é uma sátira não tanto sobre o *Zeitgeist* mas, mais precisamente, *dele*, como autor ou encenador principal. Retrato epocal com a assinatura de um tempo consumido pela paranoia, pela violência aleatória, física e sexual, e por uma sociedade humana em dissolução moral, cedendo a um permanente histerismo coletivo.

Face a isto, não espanta que Elliott Gould, um dos atores do momento, graças ao sucesso de **M*A*S*H** (1970), o filme de Robert Altman, quisesse Jean-Luc Godard na cadeira de realizador. O projeto chegou a ser recebido com entusiasmo pelo realizador de **Week**

End (1967), mas acabou abortado e, enfim, devolvido à origem, nos palcos: seria Arkin o *director*. Arkin apresentava-se, à época, como um ator a beneficiar de uma crescente popularidade desde que assaltara os ecrãs com a sua comédia assustada, na pele do soldado Yossarian, em **Catch-22** (1970), de Mike Nichols. Aliás, faço um parêntesis para notar que é a *Who's Afraid of Virginia Woolf?*, peça de Edward Albee antes da adaptação ao cinema por Nichols em 1966, que Feiffer foi buscar o título do texto dramaturgico e deste filme: “How do you make your secret little murders stud-boy doesn't know about, huhn? Pills? Pills? You got a secret supply of pills? Or what? Apple jelly? Will Power?”, atira George, “o marido”, que é interpretado por Richard Burton na obra-prima de Nichols.

Arkin não é – nem tenta ser – o “Godard desejado” de Gould. Como o próprio refere em entrevista, presente como extra na edição *home cinema* supracitada, esta sua realização obedeceu a uma lógica mais intuitiva formada pelo teatro, tentando que a câmara acompanhasse, sem estorvar, o trabalho dos atores. Auxiliado pelo brilhante director de fotografia Gordon Willis, em início de carreira, a um ano de **The Godfather** [1972], Arkin conseguiu transpor para o grande ecrã o texto furioso e absurdo de Feiffer de maneira simultaneamente cruel, directa e elegante, quase à medida de um Luis Buñuel (mas, atenção, **Le fantôme de la liberté** [1974] é-lhe posterior), transformando cada cena num bloco de tempo desconfortavelmente longo e tornando árdua – para nós, espectadores “passivos” e “adormecidos” – a confrontação física desta família de atores em cada um dos *décors* onde a ação invade e opera a sua magia negra. Como Gould apontou, numa entrevista concedida a uma estação de rádio americana, publicada, como extra, na edição Blu-ray da Indicator, **Little Murders** é um filme de terror em que, muitas vezes, o riso é substituído pelo grito ou o espanto provocado pelo horror de tudo o que é mostrado (e encarado). E nada é sentido como efabulação distópica ou sátira maximamente delirante, até porque tudo nos é servido de maneira directa e desadornada. Portanto, **Little Murders** faz do humor negro mais “realista” uma arma poderosa contra uma América em desintegração – Feiffer refere, na mencionada entrevista, que o seu texto, tal como adaptado ao cinema por Arkin, se foi transformando, progressivamente, num documentário sobre a América.

O protagonista interpretado por Elliott Gould diz que ganha a vida a fotografar merda (!). Um dia, ele é salvo por uma mulher solteira e nervosa, encarnada por Marcia Rodd. Não se trata bem de ter sido “salvo pelo amor” – até podia ser, porque os dois se apaixonam... –, pois a personagem de Gould é, *de facto*, impedida por esta mulher de ser espancada, eventualmente até à morte, por um grupo de *bullies*. A primeira nota poderosa de dissonância, digamos assim, “antropológica” prende-se com a reação dele perante o corajoso ato de solidariedade desta mulher: a indiferença. É ela – a indiferença e não o amor – que empurra a história para a frente e a molda a partir daí de maneira perversa, quase terrorista, fruto do seu furioso “desumanismo”. O pináculo desse sentimento aterrorizante de indiferença será, porventura, o discurso do reverendo interpretado por Donald Sutherland (uma das grandes interpretações da sua carreira), personificação da mais alta relativização de todos os valores, a começar pelos mais cristãos, tentando aceitar tudo numa sociedade que perdeu, de vez, o norte. Depois de uma chocante morte – que não vou revelar aqui – o filme mergulhará num profundo estado depressivo, convertendo a comédia mais desabrida e até romântica, da primeira metade, num desagradabilíssimo *after taste*.

Esta comicidade, raivosa, horrificamente robotizada e, enfim, sem salvação à vista, lembra Buñuel e talvez até Stanley Kubrick, mas é menos relevante aquilo que a precede do que aquilo que esta prefigura. Teve razão a globalidade da crítica em se entusiasmar perante esta obra de estreia de Arkin enquanto realizador (e de Gould como produtor) – pena que a receção do público não tenha sido nem pouco mais ou menos a mesma, amainando o ímpeto criativo de Arkin como cineasta e comprometendo, em muito, a carreira de Gould na produção. O crítico Nigel Andrews, do *Monthly Film Bulletin*, referiu como **Little Murders** parecia apontar caminhos novos para a comédia americana, mérito que se reparte, a seu ver, tanto com Feiffer como com Arkin. Parece haver uma linha de continuidade ligando este filme à comédia absurda dos Monty Python (em especial, **The Meaning of Life** [1983]) ou, enfim, de algum universo *indie* mais contemporâneo, em que se destaca, na mistura (às vezes) conseguida entre humor e terror, o cinema de Todd Solondz (acima de tudo, **Happiness** [1998]) – tudo autores e filmes que *performatizam*, na linguagem da sua comédia cruel, a podridão moral que perpassa a sociedade do seu tempo.

A obra de Feiffer e de Arkin serve também de radiografia de um tempo por vir, antecipando – certa *tele-visão* e *tele-diagnóstico* – a série de massacres com armas de fogo que aflige, como uma epidemia social sem remédio, a América de hoje (em que estado estaria, nestes dias, o desgraçado Tenente Practice?). Como se, agora, os “pequenos homicídios” já não fossem assim tão pequenos – não o são nada. E já nem fossem assim tão secretos – não o são nada. Bem pelo contrário, pois, como tudo na América, se não consegue combater este e aquele mal, torna-o em espetáculo e transmite-o a milhões. A morte como negócio num sistema de valores pequenino e estoirado – cómico, hein?

Luís Mendonça